



## **Programa Imagens do Povo: reflexões sobre fotografia, mídia e cidadania<sup>1</sup>**

Angélica LÜERSEN<sup>2</sup>

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

### **Resumo**

O Programa Imagens do Povo, inserido no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro, contribui para a democratização do acesso à construção dos discursos visuais. Através da Agência Escola e da Escola de Fotógrafos Populares, o Imagens do Povo afirma o caráter alternativo da mídia, tendo em vista a formação dos cidadãos que atuam na agência. Um dos importantes meios em que se pode averiguar essa formação cidadã está na abordagem diferenciada das pautas fotográficas. Analisa-se neste artigo como o processo de produção da fotografia documental emerge como elemento que proporciona a democratização nas práticas fotográficas.

**Palavras-chave:** Mídia Cidadã<sup>3</sup>; Imagens do Povo; Fotografia; Democratização; Cidadania.

### **Introdução**

Indivíduos, antes marginalizados e representados pela mídia tradicional de forma estereotipada e, muitas vezes, tendenciosa e limitada, agora se tornam produtores e difusores da informação, justamente com o propósito de atuação diferenciada e mais humanitária. A *Agência Escola*<sup>4</sup>, do Imagens do Povo, não se opõe a mídia de massa – e em alguns casos até realiza pautas para estas mídias - mas atende a princípios que afirmam o caráter alternativo, tendo em vista a formação dos cidadãos que atuam na agência e a abordagem diferenciada nas pautas fotográficas.

A inserção popular e cidadã nos processos de produção e difusão de informações cria uma interface sem a qual a democratização da comunicação não se efetiva. Isso porque os canais alternativos permitem a criação de espaços alternativos de comunicação midiática, o que contribui para o desenvolvimento e transformação social, além de possibilitar novas representações, diferentes daquela oferecida pela imprensa tradicional.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Jornalismo da Unochapecó, pesquisadora integrante do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã da mesma instituição. Email: angelica.luersen@gmail.com.

<sup>3</sup> A pesquisa em Mídia cidadã sobre o Imagens do Povo vem sendo desenvolvida desde 2012 na Unochapecó. Esta reflexão apresenta resultados da pesquisa feita no núcleo pela acadêmica Kaehryan Fauth. Email: kaehryan@unochapeco.edu.br

<sup>4</sup> A Agência Escola faz parte do Programa Imagens do Povo e realiza pautas e coberturas fotográficas com um viés diferenciado. Outras informações, além das expostas neste projeto, podem ser obtidas no site [www.imagensdopovo.org.br](http://www.imagensdopovo.org.br)



As liberdades de informação e expressão postas em questão na atualidade não dizem respeito apenas ao acesso da pessoa à informação como receptor, ao acesso à informação de qualidade irrefutável, nem apenas no direito de expressar-se por ‘quaisquer meios’- o que soa vago, mas de assegurar o direito de acesso do cidadão e de suas organizações coletivas aos meios de comunicação social na condição de emissores – produtores e difusores - de conteúdos. Trata-se, pois de democratizar o poder de comunicar. (PERUZZO, 2005b, p.18).

Nesta perspectiva, a *Agência Escola* torna-se um canal alternativo de comunicação como resposta social aos meios de comunicação hegemônicos, uma vez que suas produções fotográficas objetivam produzir e mostrar aspectos inerentes ao cotidiano representando-o de maneira crítica e humanitária. Os conteúdos visuais têm como proposição a cobertura de temas sociais, numa perspectiva cidadã, e é produzido pelos moradores da comunidade – pertencem, portanto, a estes espaços representados – que atuam na agência.

A democratização da comunicação é uma discussão pautada sobretudo na inserção popular e cidadã, na perspectiva da participação nos processos de produção e difusão das informações. Por outro lado, o acesso à informação quase sempre se dá somente na recepção de conteúdos – e estes, muitas vezes não significam a realidade de determinados grupos sociais. Numa sociedade marcada por seu processo de mediatização, é necessário que a “interface entre Comunicação e Educação” seja considerada tanto nas pesquisas e discussões acadêmicas na área de comunicação quanto na construção de um aparato que avalie a “(...) leitura de mundo representada pelos meios de comunicação e à qual os jovens se baseiam para construir a sua realidade” (DELIBERADOR, LOPES, 2011, p.86)<sup>5</sup>.

O *Programa Imagens do Povo* está ajustado em todas as suas facetas à esta temática. Primeiro porque “(...) alia a técnica fotográfica às questões sociais, registrando o cotidiano das favelas através de uma percepção crítica, que leve em conta o respeito aos direitos humanos e à cultura local”<sup>6</sup>. Segundo, porque suas ações estão alocadas nos eixos: Agência Escola, Banco de Imagens, Galeria 535, Curso de Formação de Educadores em Fotografia, Escola de Fotógrafos Populares e Oficinas de Fotografia Artesanal (*Pinholê*). E terceiro, porque se trata de um programa, sem fins lucrativos, criado pelo Observatório de Favelas que investe “na formação, capacitação e inserção

---

<sup>5</sup>DELIBERADOR, Luiza Yamashita; LOPES, Mariana Ferreira. Mídia Educação e a Formação cidadã: análise das oficinas de rádio da Escola Municipal Olavo Soares Barros de Cambe – PR. In Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: v.34, n.1, p.85-103, Jan./Jun.2011.

<sup>6</sup> Informações disponíveis em <[www.imagensdopovo.org.br](http://www.imagensdopovo.org.br)>. Acesso em: 07 jul. 2012.



no mercado de trabalho dos fotógrafos, [sendo que] os colaboradores da Agência Escola e do Banco de Imagens são em sua grande maioria formados pela Escola de Fotógrafos Populares”.

Especificamente por estar inserida no *Programa Imagens do Povo*, a *Escola de Fotógrafos Populares*<sup>7</sup> pode ser entendida como uma resposta social aos meios de comunicação hegemônicos, uma vez que suas produções objetivam abordar aspectos inerentes ao seu cotidiano de forma a representá-lo de maneira crítica, em processos democrático-participativos de alimentação e manutenção do *Banco de Imagens*<sup>8</sup>.

### **Programa Imagens do Povo**

O Imagens do Povo tem a responsabilidade de difusão da informação e educação à quem participa do Programa. A Escola de Fotógrafos Populares, fundada em 2004, pelo fotógrafo João Roberto Ripper, tem como um de seus princípios a humanização e o vislumbre de uma cidadania escondida atrás de estereótipos impostos na mídia de massa sobre seu lugar de origem: a favela. O Imagens do Povo, projeto que nasceu junto à EFP, integra o programa sócio-pedagógico Observatório de Favelas<sup>9</sup>, que busca transformar a visão sobre as favelas através de ações de desenvolvimento comunicacional e cultural, territorial e humanizado.

A Escola de Fotógrafos capacita com consciência solidária ao sentimento popular dos habitantes do morro e, além disso, proporciona uma inserção no mercado de trabalho externo, dando visibilidade aos alunos formados por meio da Agência Escola, projeto que também está ligado ao Imagens do Povo na perspectiva de oferecer um trabalho de agência com uma percepção diferente à que é percebida pelas pessoas que não moram ou convivem em uma favela.

O estudo que a EFP proporciona instiga o senso crítico e possibilita o estudo dos meios, para que haja uma formação preocupada não só em atender as demandas do mercado, mas em reestruturar um pré-julgamento negativo que existe, muitas vezes, em torno das favelas, por exemplo, mas não só dela, como de qualquer outro lugar que

---

<sup>7</sup> A EFP foi criada em 2004 pelo fotógrafo João Roberto Ripper. Os cursos regulares oferecidos à comunidade tem a duração de dez meses e são desenvolvidos em parceria com a Universidade Federal Fluminense. O objetivo da EFP é a inclusão visual mediante o aprendizado fotográfico.

<sup>8</sup> O Banco de Imagens é um acervo virtual que reúne fotografias de mais de 35 integrantes formados pela EFP. São imagens de diferentes aspectos do território brasileiro, principalmente caracterizadas pela cobertura fotográfica de “temas sociais e do cotidiano em regiões de periferia, favelas e espaços populares em geral”. Entre os principais clientes do Banco de Imagens estão instituições sem fins lucrativos, editoras e agências de comunicação.

<sup>9</sup> O Observatório de Favelas cede o espaço no qual o Imagens do Povo atua com a formação pela Escola de Fotógrafos Populares, a Agência Escola e a Galeria 535



possa render um ângulo diferente ao fotógrafo. À medida que os sujeitos participam do fazer midiático, inicia-se um processo de educação através da mídia, ou seja, por meio da

linguagem, forma de expressão e produção, pois assim como não se aprende a ler sem aprender a escrever, não se faz mídia educação só com leitura crítica e uso instrumental das mídias, sendo necessário aprender a escrever com as mídias (...) objetivando a interação dos sujeitos com as mídias e promovendo o conhecimento criativo e também crítico de suas linguagens (FANTIN, 2006, p. 86).

Com conteúdo previsto sobre linguagem e técnica fotográfica, noções de informática aplicada, história, fotografia documental e direitos humanos, a Escola segue primando o ensino reflexivo e exploratório de qualidade, o que, conseqüentemente, influenciará no resultado dos trabalhos. A mídia educação toma para si uma formação cidadã arraigada na reflexão crítica da realidade (DELIBERADOR; LOPES, 2011, p. 43), que deve, portanto, refletir em uma visão oposta às visões massivas.

### **Representatividade - Democratização**

Os meios e veículos de comunicação são capazes de atuar como disseminadores de determinada causa ou ação, dessa forma se tornam símbolos de visibilidade também para campos sociais e instituições. Inserido no Complexo de Favelas da Maré, o Imagens do Povo tem a responsabilidade de difusão da informação e educação à quem participa do Programa. Sua atuação, porém, não se restringe aos participantes do Programa, visto que a formação dada às pessoas que frequentam a EFP, por exemplo, se estende a todos que interagem com elas. A concretização das ações da EFP, então, ganham estabilidade e visibilidade devido ao vínculo popular mantido entre os participantes e a comunidade na qual estão inseridos, de modo que sejam reconhecidos como alunos da Escola.

Sendo alunos, aprendem a identificar e ressaltar aspectos essencialmente próprios do contexto que fotografam, de modo que mostrem o lado da favela a partir do olhar cidadão reafirmado pelo fato de pertencer àquele contexto social. Com isso, a EFP forma com uma visão mais humanitária e, com isso, auxilia inclusive na desmistificação do pré-conceito violento que pode existir quando se fala em favela. Estes fatores estreitam a relação entre a comunidade, como um todo, e o Programa Imagens do Povo, pois ele acaba por ser parte da favela, não uma ação alheia à ela.



Além de proporcionar uma formação cidadã, o *Imagens do Povo* proporciona acesso a materiais de produção fotográfica (câmera, tripés, lentes, entre outros), o que facilita o processo ensino-aprendizagem, que é feito de forma integrada e alicerçada na prática fotográfica no próprio lugar onde vivem. A Escola funciona como uma atividade extraclasse para os alunos que ainda frequentam outra instituição de estudo (seja no Ensino Fundamental, Médio ou Superior). Denise Cogo (2004, p. 48-49) explica que na Sociedade da Informação na qual vivemos, há gerações excluídas ou desigualmente incluídas nos sistemas educativos, comunicacionais e midiáticos, programas comunitários tendem a gerir de forma criativa e solidariamente estratégica a forma com a qual darão andamento ao processo educativo. Com isso, propõe-se “redes de inclusão que comportam desde dispositivos mais artesanais e domésticos, como os alto-falantes e o videocassete, até os mais sofisticados, como os digitais” (COGO, 2004, p. 49).

O processo de ensino envolve os alunos para que, com eles, ressurgja uma democracia da informação mais ligada à participação popular, que intensifique seu valor como unidade de assimilação popular – através da autenticidade do viés no qual produzem e pensam as fotos e vídeos. Por isso, há um compromisso em defender e exercer a cidadania para que haja uma nova concepção do que a favela representa, do que ela de fato é, e não do que a mídia massiva veicula.

Sabe-se que a violência é de fato um caso solidificado no Brasil, e criou-se, com isso, um entendimento de que as favelas são um lugar perigoso, de forma generalista e que agrava e distorce a visão de quem não mora e/ou conhece de fato uma favela. Por isso, é de suma importância que a Escola atue na perspectiva de formar pessoas capazes de transmitir, de forma simples e não sensacionalista, imagens que representem a vivência nestes ambientes.

A comunicação social, segundo Suzina (2004, p. 235)<sup>10</sup>, é uma das maneiras pelas quais o ser humano exerce o direito e o dever de participação na construção da sociedade. Visto isso, é possível afirmar que a EFP representa um vetor de mudança social e reconhecimento real do que é a favela vista pelo ângulo dos próprios moradores dela. Sustentada por três pilares - Desenvolvimento territorial, Direitos Humanos e Comunicação e Cultura - o *Imagens do Povo* consegue agir em uma proporção comunitária devido ao envolvimento dos alunos, que passam por um processo de

---

<sup>10</sup> Cidadania alternativa na comunicação – Rede Brasileira de Comunicadores Solidários à Criança. In. *Vozes Cidadãs: Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina*. São Paulo: p.233-247.



seleção até que possam integrar o curso de fotógrafos populares, levando em conta o perfil de cada candidato a fotógrafo.

O contexto no qual está inserida a Escola faz com que a mídia massiva não dê espaço recorrente à ação quanto poderia. Cicília Peruzzo aponta que há uma urgência de que os meios de massa reorientem sua postura filosófica em benefício do bem comum e em detrimento de interesses econômicos e políticos de determinados segmentos sociais (PERUZZO apud. SUZINA, 1998, p.277). Deste modo, a EPF contribui para o reconhecimento dos moradores da favela como sujeitos e não objetos de uma história, a fim de que a democratização da informação repassada por ela se concretize na valorização destes sujeitos pela essência do que são e não por um contexto generalista feito em grande parte nas mídias massivas.

Em entrevista, um dos fotógrafos que integra o Programa Imagens do Povo, Léo Lima<sup>11</sup>, deixa claro que ele vê na fotografia uma forma de expressão e de contribuir com a luta em busca de uma vida justa aos menos favorecidos. Ele relatou ainda que a possibilidade de estar num local onde a fotografia e a política pulsam o tempo todo [Programa IP] é louvável. “Estar ao lado de jovens, muitos oriundos de favelas, com sonhos e anseios parecidos, embebidos de desejos e ações que voltem aos espaços populares, o envolvimento se torna uma delícia. Além do mais, o Imagens do Povo concede equipamentos inteiramente gratuitos, muitas vezes oportunidades de emprego, cursos profissionalizantes na área; lógico é preciso melhorar as formas de comunicação institucional, que os fotógrafos participem mais das ações institucionais. O Imagens do Povo é uma importante instituição que além de formar grandes fotógrafos, contribui com a formação humanística de muitos deles”, defendeu.

## **Fotografia**

---

<sup>11</sup> Léo Lima (Leonardo Silva de Lima) nasceu e foi criado na favela do Jacarezinho. Atualmente com 25 anos, reside lá até hoje. Atualmente trabalha como freelancer em fotografia, mas já trabalhou como educador em fotografia Pinhole no Observatório de Favelas (2011 a 2013) e como educador de fotografia digital no Ponto de Cultura, Porto Aberto a memória viva (2011 a 2013). Fotógrafo formado pela Escola de Fotógrafos Populares em 2009 e pelo Curso de Formação de Educadores em Fotografia em 2010. É monitor das Oficinas de Pinhole desenvolvidas pelo Programa Imagens do Povo e professor do Ponto de Cultura Porto Aberto à Memória Viva, no Armazém da Utopia. Integra o Coletivo Multimídia Favela em Foco. Trabalhou como um dos fotógrafos da 3ª Mostra Brasil – Juventude Transformando com Arte, em 2010. Ficou em 3º lugar no concurso fotográfico Um novo Clique, promovido pelo Jornal O Globo, em 2010, que rendeu uma exposição itinerante pelas favelas pacificadas do Rio de Janeiro. Foi um dos finalistas do concurso fotográfico realizado pela revista Fotografe Melhor, no ano de 2011, na categoria: Preto e Branco. Participou das coletivas “Prazer, sou do Povo”, no CCMLSL, em Santa Tereza, em 2012, “Caçadores de Sonhos”, na Galeria 535, na Maré, e “Brasil, o país do futebol”, realizada pela ECO-FOTO / UFRJ, ambas em 2010.



O ato de fotografar traz consigo o anseio de registrar momentos que transcendem a oralidade e a escrita. A fotografia revela um fato ou acontecimento do instante e limita-se a uma linguagem não verbal, que, no entanto, pode ser situada por meio de uma legenda, notícia e/ou relato do autor da imagem. Capaz de repassar e despertar sentimentos revelados em uma imagem, as fotos podem evocar diferentes interpretações e sentidos sobre o tema registrado.

A realidade da fotografia não corresponde (necessariamente) a verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência... A realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes “leituras” que cada receptor dela faz num dado momento (KOSSOY, 2002, p.38)

Ou seja, ao mesmo tempo em que informa, a fotografia registra determinada realidade que é, por essência, um recorte marcado pelo olhar do fotógrafo, pelo exercício de síntese de um fato ou mesmo pela orientação de pauta. Além do mais, a interpretação da informação fotográfica se plenifica no contato com cada receptor, possibilitando diferentes leituras – dentro do cabível – sobre dado recorte.

O Programa Imagens do Povo, por meio da Escola de Fotógrafos Populares, forma fotógrafos para que atuem não apenas na Agência Imagens do Povo, mas também que possam ter na fotografia uma forma alternativa de profissão e percepção de responsabilidade sobre o fato de que, como afirma Sousa (p. 55, 2004), a fotografia é o dar ao leitor um testemunho, mostrar a quem não está lá *como é* ou *o que sucedeu e como sucedeu*. A criação e produção fotográfica feita pelo Programa Imagens do Povo faz com que seja reafirmada a identidade dos fotógrafos e dos fotografados por meio do relato-imagem. Além de proporcionar um meio alternativo para o registro de fotografias, com um olhar diferenciado, há uma reafirmação do compromisso social.

Capaz de contar histórias através de imagens, as fotografias documentais não tem como pressuposto principal a instantaneidade e factualidade, mas sim, é um documento que pode se referir a uma época, lugar, contexto social, etc. O registro documental não está preso ao registro factual que o jornalismo requer, podendo trabalhar, com isso, a visão artística de um retrato.

Duas palavras – artística e real – sobressaem nesta definição, e sua união contém a essência de uma boa fotografia documental: o sujeito e o conteúdo da fotografia são reais, porém a forma em que são apresentados é artística. [...] o público, saturado pela quantidade de imagens que lançam as revistas, jornais, semanários, filmes e televisão, somente prestará atenção a uma fotografia quando ela sobressair pelo seu conteúdo ou por sua apresentação (PETER;





SILVA, 1999, p. 15)

Um registro fotográfico pode tanto despertar lembranças, quanto nos transmitir um conjunto de informações capazes de envolver o receptor da imagem a determinado espaço e tempo. Valores e testemunhalidade são parte do processo fotográfico documental.

Sousa distingue o fotodocumentarismo e o classifica, ainda, como desencadeador do fotodocumentarismo social, que faz com que o fotógrafo, ainda que registre um acontecimento temporal, busque centrar-se na forma como este acontecimento influencia as condições de vida dos indivíduos envolvidos, ou seja, se preocupa também em avaliar e ponderar em seus registros o contexto do acontecimento.

O documentarismo social, enquanto forma mais comum de fotodocumentarismo, procura abordar, mais ou menos profundamente, quer temas estritamente humanos que o significado que qualquer acontecimento possa ter para a vida humana ou ainda as situações que se desenvolvem à superfície da Terra e afetam a mundivivência do Homem. Enquanto o fotojornalista tem por ambição mais tradicional “mostrar o que acontece no momento” [...] o documentarista social procura documentar (e, por vezes, influenciar) as condições sociais e o seu desenvolvimento (SOUSA, 2004 p. 13)

Toda imagem possui múltiplas significações, capazes de fazer o observador imergir na realidade histórica de determinado momento, que poderão inclusive despertar a reflexão do receptor de acordo com a importância que perceber na imagem.

### **Sobre a fotografia e a mídia**

Desde seu surgimento na imprensa, a fotografia evoluiu muito. Antes sua função estava voltada para a ilustração das reportagens, de modo que sempre vinha junto aos textos verbais para deixar a publicação mais leve. Atualmente, o teor informacional que constitui a prática fotográfica-jornalística vem carregado de significações e sentidos, sobretudo compondo o repertório informacional dos sujeitos. O caráter informacional e “objetivo” das fotografias é atributo indispensável nas veiculações impressas diariamente, visto o caráter de testemunhalidade e os efeitos de verdade que confere. A fotografia permite aproximação aos fatos, quase como se não houvesse mediação e, esse aspecto, parece-me condicionante para justificar o uso das fotografias nas publicações midiáticas. Fotografia e realidade parecem indissociáveis. Sinalizou-se isso quando se falou do valor de iconicidade da imagem fotográfica. Crê-se





que o aspecto fotografia versus realidade seja inerente aos efeitos de sentido de verdade e de testemunhalidade aos quais os textos visuais vêm acrescidos no jornalismo. Vê-se aqui uma discussão pertinente, uma vez que a “verdade” expressa nas imagens fotográficas é sempre um recorte de determinada realidade e, como recorte, é capaz de mostrar e omitir, ao mesmo tempo. Ao selecionar uma pauta ou mesmo no momento de fotografar determinada cena o fotógrafo faz escolhas e, tais escolhas são significativas.

A larga utilização das imagens pela mídia tornou o público mais próximo e também mais participativo em relação aos processos que envolvem o fazer fotográfico. Não apenas a mídia impressa, mas também a televisão e a internet aproximam o público ao contingente imagético diário expandindo a quantidade de imagens veiculadas e tornando o próprio público enunciador de textos imagéticos. Esse fato, contudo, parece não ter aperfeiçoado o olhar analítico ou crítico dirigido às imagens, menos ainda despertou a capacidade de leitura imagética pela maioria da população que recebe cotidianamente uma quantidade grande de imagens. No entanto, creio que a leitura imagética seja aquela que oportuniza ao olhar a expansão do lugar comum. Através do conhecimento da linguagem da fotografia e do entendimento de sua capacidade de criação de sentidos é que se pode sair do senso comum e compreender as estratégias envoltas no fazer imagético. É possível construir um conhecimento original no que se diz sobre as imagens já que os sentidos se completam apenas naquele que vê as imagens. Não se trata de julgar as imagens como verdades absolutas naquilo que dizem ou na sua produção de sentidos, mas sim de entendê-las pelas circunstâncias nas quais elas se inscrevem.

Há na fotografia certa materialidade que estimula e evoca interpretações carregadas de informações. Contudo, é um tanto difícil ler criticamente imagens. O texto verbal possui uma imediaticidade de entendimento maior que a imagem entretanto, noutro nível, esta se parece mais acessível que os textos verbais. Nesse sentido, torna-se desafiadora a tentativa de compreender as minúcias da linguagem visual. Além do mais, podemos ficar a par e entender as particularidades de determinados acontecimentos mesmo sem nossa presença física no local – e é isso que acontece com a maior parte de informações que acessamos cotidianamente. Esta transferência de informação costuma ser imediata.

### **Considerações finais**

Com esta reflexão foi possível concluir que a dinâmica proposta pelo Programa



Imagens do Povo contribui, sobretudo, para o esclarecimento do contexto social popular no qual está inserido: a Favela da Maré. A formação na Escola atua como vetor decisivo na percepção do aluno não apenas sobre a teoria e prática fotográfica, mas também para deixá-lo ciente da responsabilidade das imagens no processo de informação. Isso faz com que eles explorem as fotografias com um ângulo diversificado e, principalmente, buscando estar de acordo com o contexto o qual estarão fotografando.

O caráter popular da organização auxilia no processo de produção fotográfica e de ensino devido ao conhecimento e envolvimento dos alunos no meio de ensino. Por isso, o fotógrafo formado pela EFP tem o papel de agente-transformador a partir do momento em que assume, por meio da ação de fotografar, o encargo de, através das imagens, ser capaz de retratar um conjunto de aspectos sociais, econômicos e emocionais do objeto ou paisagem fotografada.

A EFP atua também na perspectiva de cidadania, fortalecendo a visão humanizada e sensível da condição humana, independente de onde estiver inserida, dando aos fotógrafos a chance de seguir uma carreira profissional, seja na Agência Escola ou em qualquer outro espaço onde haja a necessidade de um profissional deste ramo, portanto, a Escola é propulsora de um ensino essencialmente profissionalizante e cidadão.

Através da facilitação do acesso ao ensino nas favelas e mesmo o objetivo com o qual foi criado assegura que o Imagens do Povo fortalece a democratização da notícia, preparando os alunos sobre diversos aspectos que fazem do Programa um intensificador de ações e prospecções futuras para a favela. Ou seja, ela não só facilita o acesso à informação e formação, como também se preocupa com uma profissionalização voltada à quem estiver disposto a compreender e se comprometer a retratar a favela tal como ela é, não tal qual a mídia massiva insiste em divulgá-la.

Conclui-se ainda que a fundamentação teórico-prática dos alunos da Escola de Fotógrafos Populares e, como resultante, a atuação na Agência Escola está em grande parte voltada à essencialidade do fotodocumentarismo social. Ou seja, trabalha não apenas o aprendizado da fotografia, mas também instiga os participantes do projeto a serem vetores de mudança e reafirmação de valores sociais por meio da fotografia.

Por trás da dedicação à foto existe um contexto histórico-social de cada um dos indivíduos envolvidos, que influencia diretamente com a relação que cada um deles tem com a fotografia. Também o anseio por uma fotografia que registre o que não se espera que seja registrado, muitas vezes surge da indignação com o fato de existir uma



realidade que não é mostrada pelos principais veículos de comunicação.

A mídia cidadã tem muito a oferecer para a formação de pessoas capazes de entender melhor a concepção do mundo a partir do incentivo à crítica e, com isso, viabilização de um meio alternativo de expressão para determinada comunidade ou grupo que integram a ação social. No caso do Imagens do Povo, ela incita não apenas ao estímulo intelectual e de sensibilização coletiva com as causas de defesa social, como também oferece à pessoas carentes uma oportunidade de profissionalização em fotografia.

Cada fotografia produzida no âmbito do Imagens do Povo vale ser analisada. Além disso, a rotina de produção do programa também tem seu mérito por ser um trabalho no campo social, com produção de materiais efetivos, e que se sustenta desde 2004 no Complexo da Maré. Talvez uma opção de estudo pudesse seguir não apenas o estudo da rotina de produção e análise de imagens do programa, como também a recepção dos próprios moradores da Favela da Maré, por exemplo, sobre o trabalho desenvolvido pelos fotógrafos na comunidade.



## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia**: olhares fora-dentro. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BECKER, Howard Saul. **Falando da sociedade**: ensaios sobre diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BERGER, Christa. **A comunicação emergente**: popular e/ou alternativa no Brasil, 1989.
- CIPRIANI, Fábio. **Estratégia em mídias sociais**: como romper o paradoxo das redes sociais e tornar a concorrência irrelevante. Rio de Janeiro: Elseiver, 2011.
- COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: PERUZZO, Cicilia. **Vozes cidadãs**: Aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. São Paulo: Angellara Editora, 2004. p. 41-56.
- DEBIASI, Carolina. **Realidades nascentes**: A transição do analógico para o digital em fotografia. (Graduação em Jornalismo) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2010.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papyrus, 11. Ed, 2008,
- Formação cidadã**: análise das oficinas de rádio da Escola Municipal Olavo Soares Barros de Cambé – PR. In. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: v.34, n.1, p.85-103, Jan./Jun.2011
- JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagem**. 9. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê. Editorial, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- MARTINS, Nelson. **Fotografia**: da analógica a digital. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010.
- MELO, José Marques de. **Mídia-cidadã**: Utopia Brasileira. São Bernardo do Campo: Ed UMESP, 2006.
- NEUMANN, Laurício. **Educação e Comunicação Alternativa**. Petrópolis: Ed Vozes, 1991.
- PAIVA, Raquel; SANTOS, Cristiano Henrique Ribeiro dos. (Orgs.) **Comunidade e Contra-hegemonia**: Rotas da Comunicação Alternativa. Rio de Janeiro: Ed Mauad, 2008.
- PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação em Movimentos Populares**: a participação na comunicação da cidadania. Petrópolis: Ed Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Vozes Cidadãs**: Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina. São Paulo: Angellara Editora, 2004.



PERUZZOLO, Adair Caetano. Comunicação, Educação e Devir. In. **Desafios da educação na sociedade de consumo**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano: p.183-203, 2007.

PETER, Jorge; SILVA, Verônica Monteiro da (Orgs.). **Um curso de fotografia na sua essência**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SUZINA, Ana Cristina. Cidadania Alternativa na Comunicação – Rede Brasileira de comunicadores Solidários à Criança In: PERUZZO, Cíclia. (org). **Vozes Cidadãs: Aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara Editora, 2004. p. 233-247.